

UM OLHAR OUTRO

Voltemos ao assunto dos «pecados de antisemitismo», o I capítulo do livro *Falso Testimonio*, do historiador Rodney Sark, de confissão protestante, que denuncia «séculos de história anticatólica». É impossível, no quadro de uma breve crónica, entrar em pormenores e citações que deixem claro que não se trata de afirmações sem fundamento, como dado adquirido e comprovado nas fontes mais objectivas. Afinal, o nosso autor propôs-se verificar os fundamentos dos tais «dados adquiridos». E foi ao verificar a sua inconsistência que ele nos dá uma visão contrária, a de que a Igreja, mesmo tendo cometido alguns erros, foi o maior baluarte na defesa da verdade e da justiça, impedindo manifestações de ódio contra judeus e muçulmanos.

Continuemos no mesmo capítulo para entrarmos num tema que, de vez em quando, salta para a actualidade: a actuação do Papa Pio XII (o Papa de Hitler) na Segunda Guerra Mundial. Agora que se abriram os arquivos do Vaticano sobre este período certamente muito se virá a falar deste assunto. A não ser que, como previsível, facilmente se comprove aquilo que sempre a Igreja afirmou: que o Papa não só não aprovou Hitler contra os judeus, como defendeu os judeus das atrocidades de Hitler.

A campanha que vinculou o Papa a Hitler começou na antiga União Soviética em 1944, com um escrito no jornal *Izvestia*, do governo soviético, que afirmou que o Papa tinha apoiado o regime Nazi. No dia seguinte, o *New York Times* condenava tal escrito como «propaganda maliciosa e defendeu claramente a oposição do papa a todas as formas de tirania». A calúnia continuou falando-se de «um pacto secreto com Hitler». Foram muitas as vozes condenatórias de tal falsidade, incluindo de judeus, que recordavam que «Hitler tinha tratado implacavelmente a Igreja Católica, fechado todas as escolas católicas, encarcerado milhares de sacerdotes, religiosos e religiosas e tinha enviado para Dachau e para outros campos de concentração a muitas dessas pessoas. Quando o mundo se deu conta dos horrores dos campos nazis da morte, foram muitos os que elogiaram os reiterados e sinceros esforços de Pio XII para salvar vidas judias durante a guerra». Mesmo diante de outros coros de calúnias, levantaram-se várias vozes de judeus a exaltar a acção do Papa que «tinha contribuído para salvar ao menos 700.000 judeus - o número pode aproximar-se mesmo dos 860.000 - de uma morte certa às mãos dos nazis».

Recentemente, em edição de 1999, surge John Cornwell com uma tese de que «o Papa negociou um acordo que ajudou os nazis a apoderarem-se da Alemanha, condenando deste modo os judeus da Europa ao campo de extermínio». As várias falsidades do autor - um ex-seminarista, auto-afirmando-se católico não-praticante, que fez fortuna com o livro - são denunciadas como fraudulentas e situadas na ala liberal, que se diz católica para impor derivas doutrinárias ou comportamentais. Mas surge um rabino que afirma: «O Holocausto é simplesmente o maior garrote que os católicos liberais têm à mão para utilizar contra os católicos tradicionais, na tentativa de golpear o papado e, desse modo, minar o ensino católico tradicional». De igual modo, o livro de 2001 *A espada de Constantino. A Igreja e os judeus* escrito por um romancista e ex-papa, liga o anti-semitismo à morte de Jesus no Calvário, continua a tese de Cornwell (já refutada antes) e manifesta «reflexões obsessivas do autor sobre a sua própria vida privada. Há outros livros escritos num passado recente com teses idênticas, mesmo que reconheçam que «quando os nazis pretenderam reunir e transportar os judeus de Itália, sobreviveram ao menos 85%, a maioria deles escondidos em conventos, mosteiros, igrejas e outros edifícios da Igreja Católica, onde muitos permaneceram até à chegada das tropas aliadas». A desonestidade, porém, mantém-se quando, perante testemunhos directos de sacerdotes e religiosos que afirmaram que o fizeram a mando do papa, tal é omitido. O Papa Pio XII, ainda antes de ser eleito Papa, tinha-se já pronunciado contra Hitler e o racismo. E continuou a fazê-lo durante a guerra. Por várias vezes o *New York Times* titulava a intervenção decidida do papa contra Hitler. Retenhamos esta, de 26 de dezembro de 1941: «A voz de Pio XII é a única que se ouve no silêncio e na obscuridade que envolve a Europa neste dia de Natal (...). Ao exigir 'uma autêntica nova ordem' baseada na 'liberdade, justiça e amor', (...) o papa confronta-se pessoalmente e em cheio contra o hitlerismo». Claro que Hitler ficou furioso e pretendeu mesmo sequestrá-lo. São muitos os judeus que reconhecem a acção do Papa e o defendem.

O nosso autor termina este capítulo dizendo: «A Igreja Católica romana possui um amplo e honroso historial de vigorosa oposição aos ataques contra os judeus. E o Papa Pio XII soube estar à altura dessa tradição».

O Prior - P. Abílio Cardoso

NO EXAME, SURPREENDENTE SURPRESA!



Eis uma incrível notícia que nos chegou através de um pároco da diocese de Lyon.

O padre em questão acompanha, espiritualmente, uma senhora paraplégica. Nos primeiros dias de setembro de 2017, os médicos a diagnosticaram com tumores cancerosos nos ovários. Ela se abriu com o seu sacerdote que lhe aconselhou a novena *Enfrentando o Câncer com Zélia Martin* (Mãe de Santa Terezinha) e a *Virgem do Sorriso* (Life Editions). Em sua angústia, a senhora se voltou para o Céu, dando início à novena.

Nos primeiros dias do mês de outubro, ela foi a uma consulta com o seu oncologista, para organizar o protocolo e agendamento dos exames e cuidados a serem feitos. Para incrível surpresa, foi constatado que não havia mais nenhum tumor nos ovários. O câncer havia desaparecido. A senhora relatou o resultado ao padre que, depois de conversar com colegas sacerdotes, reconheceu que havia acontecido um "milagre".

Este testemunho é bem recente e, no estado atual dos elementos que temos, sugere que a graça de Deus faz maravilhas. Permanecemos cautelosos, no entanto, até que o julgamento da Igreja seja pronunciado.

In Um minuto com Maria, 2/3/2020

46 ANOS DEPOIS...

A liberdade é um dom divino concedido a todas as pessoas, crentes ou não-crentes.

A liberdade não é um conceito abstrato: há pessoas livres e pessoas não-livres.

De que adianta gritar liberdade, se não houver liberdade para gritar?

Quem é livre, é responsável, respeita os outros na sua diferença, seja qual for a opinião ou a cor...

Em 25 de abril queremos comemorar a recuperação de uma certa liberdade, mas será que já o conseguimos?

Em 25 de abril de 74 disseram-nos, com gestos e palavras, que podíamos ser mais livres, mas será que somos mais livres porque respeitadores e responsáveis?

Agradeço a todos quantos me ensinaram a pensar pela própria cabeça, sendo livre. Agradeço a quem me concedeu espaço de valorização cultural e humanista. Agradeço a quem me ensinou a reconhecer, aceitar e pedir perdão pelos meus erros. Em resumo: conhecereis a verdade e a verdade vos fará realmente livres. Sejamos, então, portugueses livres, respeitadores e responsáveis, hoje mais do que ontem e amanhã melhor do que hoje!

António Sílvio Couto, DM 27/04/2020



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 18 - 3 de Maio de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Maria ensina-nos a esperar com confiança

No primeiro domingo do mês de Maio, também conhecido como o Mês de Maria, Mãe de Jesus e nossa mãe, coincidem o Dia da Mãe, o dia do Bom Pastor, que termina a Semana de Oração pelas Vocações e, entre nós, a Festa das Cruzes.

Tantas evocações não podem impedir uma palavra sobre o essencial da Liturgia da Igreja: esta leva-nos ao centro da nossa vida, Jesus, Aquele que, doando a vida toda pela Humanidade, transformou a morte em Vida, as cruzes em glórias.

Pedro aparece, no seu discurso em dia de Pentecostes, a confrontar os judeus com a morte imposta ao Justo Inocente e a convidá-los a reconhecer que à sua acção perversa Deus respondeu ressuscitando o seu Filho. E quando lhe perguntam: «que temos agora de fazer?», ele responde: acreditai em Jesus e recebei o Baptismo.

João lembra-nos a parábola dirigida por Jesus aos fariseus, convidando-os a serem ovelhas conduzidas pelo Bom Pastor, evocando Ezequiel que, perante as infidelidades do rei, o pastor de Israel, anunciava o Bom e Belo Pastor, o Senhor, que viria para conduzir com cuidado único cada uma das ovelhas, levando-as pela porta, que dava acesso, quer à segurança durante a noite, quer aos melhores pastos durante o dia. Quando hoje olhamos para a figura do Bom Pastor - e reconhecemo-la em Jesus e em todos aqueles que assumem a missão de conduzir e ajudar todos nas suas procuras ao encontro do Bom Pastor, o Senhor Jesus - compreendemos a missão da Igreja como sendo a missão de todos nós. Não só os padres, religiosos e religiosas, mas também os leigos, seja na vida consagrada seja na vida matrimonial. É que o Concílio Vaticano II veio recenrar a vocação no povo de Deus, em que cada baptizado se deve assumir como chamado por Deus a uma missão. Por isso, o Papa, na sua mensagem para este 57º dia de oração pelas vocações começa por apelar à gratidão a Deus por nos chamar, para depois nos exortar à coragem no

MÊS DE MARIA NA PARÓQUIA

Não faltam sugestões para o vivermos. O Papa e o nosso arcebispo falam do terço todos os dias em família. Já é tempo de o saborearmos, aproveitando o confinamento para fazer esta descoberta. Recomendo que sigam o esquema preparado pelo Seminário de Braga (https://www.diocese-braga.pt/media/contents/contents_00VI_T/31%20dias%20com%20maria2020-4.pdf), completando-o com o evangelho do dia (veja as indicações para cada dia na página 2 do boletim) e a oração do Papa (nesta página).

Estava previsto passarmos um momento especial de oração, de 8 a 15, na Urbanização de S. José. Não sendo possível realizar o que estava previsto, o Prior estará lá, começando às 21.15 da próxima sexta-feira para rezar o terço com os moradores que o desejarem.

meio das tribulações por que todos passamos ao longo da vida para sermos fiéis à missão que o Senhor nos confiou. Afinal a mesma de sempre: Ele veio para nos dar vida e vida em abundância. E nós somos chamados a fazer dom da vida para que todos se encontrem com a Vida em abundância, Jesus.

Dar a vida, não só a biológica, é missão muito especial de cada mãe. Homenageá-la não pode ser acção para um dia apenas no ano. Quando se põe em causa a honra devida ao pai e à mãe a sociedade perde-se. Porventura na sobrevalorização dos animais e atropelos constantes à vida humana, cada vez mais considerada peso em vez de bênção.

Na homenagem às mães torna-se impossível não invocar Maria, a Mãe de Jesus, a quem nos dirigimos, de modo especial neste mês de Maio, suplicando a graça da confiança, nestes tempos de incerteza provocada pela pandemia que nos atinge. Oxalá encontremos na contemplação da serenidade do seu rosto, conforme no-lo apresentam os artistas, a força e a coragem para não desanimarmos na nossa missão ao serviço de uma «vida em abundância».

O Prior - P. Abílio Cardoso

ORAÇÃO A MARIA

Ó Maria, Tu resplandeces sempre no nosso caminho como sinal de salvação e de esperança. Confiamos-nos a Ti, Saúde dos enfermos, que permaneceste junto à cruz, associada à dor de Jesus, mantendo firme a tua fé.

Tu, Salvação do povo romano, sabes do que precisamos e temos a certeza de que providenciarás para que, como em Caná da Galileia, possa voltar a alegria e a festa depois deste momento de provação.

Ajuda-nos, Mãe do Divino Amor, a conformar-nos à vontade do Pai e a fazer o que Jesus nos disser, Ele que assumiu sobre Si os nossos sofrimentos e carregou as nossas dores para nos guiar, através da cruz, à alegria da ressurreição. Amen!

Sob a tua proteção procuramos refúgio, Santa Mãe de Deus. Não desprezes as nossas súplicas, nós que estamos na provação, e livra-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!

Papa Francisco

PAPA CONVIDA A LER O EVANGELHO E A REZAR O TERÇO NESTA PROVAÇÃO

O Papa renovou o seu convite a todos os católicos para que tenham sempre consigo o Evangelho, no bolso, nas malas, "fisicamente" perto de cada um. Francisco referiu, a propósito dos discípulos a caminho de Emaús, que nestas figuras se apresentam os caminhos da vida: quem se deixa «paralisar» pela desilusão da vida, e caminha triste; quem não coloca em primeiro lugar os seus problemas, mas Jesus e os irmãos. «Aqui está a reviravolta: deixar de orbitar em volta do próprio eu, das desilusões do passado, os ideais não concretizados, e avançar, com o olhar na realidade maior e mais verdadeira da vida: Jesus está vivo e ama-me».

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
IV DOMINGO DE PÁSCOA

O Senhor é meu pastor: nada me faltará

Segunda, 4 – Leituras: Act 11, 1-18
Jo 10, 11-18

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Terça, 5 – Leituras: Act 11, 19-26
Jo 10, 22-30

Segunda, 4 – Maria Luísa Sousa Nunes e familiares

BODAS DE PRATA

Vão celebrar na quarta-feira, dia 6, as suas bodas de prata de casamento **Ricardo Luis Perry da Câmara Borges e Margarida Isabel Furtado Correia Silva Câmara Borges**. O casamento foi celebrado na Capela da Casa da Pia - Carapeços no dia 06 de Maio de 1995. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS

Quarta, 6 – Leituras: Act 12, 24-13, 5a
Jo 12, 44-50

Sexta, 8 – Maria de Lurdes Figueiredo Torres

Quinta, 7 – Leituras: Act 13, 13-25
Jo 13, 16-20

Sábado, 9 – *Intenções colectivas:*

Sexta, 8 – Leituras: Act 13, 26-33
Jo 14, 1-6

– Maria Gracinda Rego de Sousa Graça Esteves e família Rego

Sábado, 9 – Leituras: Act 13, 44-52
Jo 14, 7-14

– Bernardino Pereira da Costa e familiares de Tereza Carreiras

DOMINGO, 10 – V DA PÁSCOA
Leituras: Act 6, 1-7
1 Pedro 2, 4-9
Jo 14, 1-12

– Maria Eugénia Fernandes Ribeiro, filho Luís e genro Manuel

– Avô de Rosa Lopes

– Cornélia Cândida Sousa Pereira e marido

Domingo, 10 – 11.00 – Missa pelo povo

**NÓS ESTAMOS EM CONFINAMENTO,
MAS A FÉ NUNCA ESTÁ CONFINADA**

1. A Igreja começou a reunir-se em casas, mas nunca se conformou à casa de cada um. A dimensão comunitária foi-se tornando o corolário da vivência pessoal e familiar da fé.

6. O Cardeal D. António Marto sinalizou certeira-mente que, por estes meios, também tem passado – e muito – o Espírito Santo. Este, como sabemos, «sopra onde quer» (Jo 3, 8).

2. Paraphraseando Jean-Marie Tillard, diria que a Igreja, no fundo, é uma «Igreja de igrejas», uma «comunhão de comunhões», uma «família de famílias». O Santo Padre advertiu, há dias, para o perigo de uma certa «viralização» da fé e de uma dispensa da sua celebração comunitária.

7. Nesta altura, o distanciamento e o isolamento constituem – a par da oração – as únicas «vacinas» disponíveis. Assim sendo, temos de otimizar esta hora usando todos os meios para preparar o momento seguinte, quando Deus permitir que ele chegue.

3. «Nós, cristãos – explicou –, devemos crescer numa familiaridade que é pessoal, mas também comunitária. Uma familiaridade sem comunidade, sem os sacramentos é perigosa, pode tornar-se uma familiaridade gnóstica, separada do povo de Deus».

8. Ninguém estava preparado para um cenário desta magnitude. Sem qualquer preparação, estamos a gerar – quase ao minuto – experiências que, há pouco mais de um mês, julgávamos inimagináveis. E é bom que se reconheça que muitas dessas experiências têm o «selo» do Espírito Santo, tal é a criatividade e a ressonância que têm alcançado.

4. De facto, as pessoas podem habituar-se a dispensar – ainda mais – a frequência da Casa comum dos cristãos. Por isso, temos de fazer tudo para tornar bem claro que esta é uma situação de excepção, ditada por um drama de excepção suprema.

9. Que este tempo «monástico-digital» – como o qualificou o Cardeal D. Manuel Clemente – fecunde a acção evangelizadora. O silêncio que nos tem inundado é, por exemplo, um património que deve ficar para calibrar as nossas vindouras intervenções.

5. E pelos índices de visualização das celebrações pelas plataformas digitais, há um «alargamento» muito significativo das «assembleias». É claro que o virtual não é o mesmo que o real. Mas, até por alguns contactos pessoais, noto que está a gerar-se uma «fome» e uma «sede» muito grandes de Deus que, a seu tempo, se poderá traduzir numa maior participação efectiva nas celebrações comunitárias.

10. Nós estamos em confinamento, mas a fé nunca está confinada. Cristo está vivo na vida das pessoas onde quer que elas estejam. Transformemos esta enorme diversidade numa decisiva oportunidade!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 28.04.2020



TERÇOS FLORIDOS EM MAIO

D. JORGE DESAFIA FAMÍLIAS A CONSTRUIR TERÇOS FLORIDOS

Depois da sugestão, bem sucedida das cruces pascais floridas, o Arcebispo de Braga desafia agora as famílias a juntarem-se para construir terços floridos para enfeitar as casas ou para enviar a outras pessoas. «Agora, ao aproximar o mês de maio, quero pedir que as famílias façam um terço com flores de papel ou de outro material. Existe uma verdadeira arte de fazer flores que os avós poderiam transmitir aos filhos ou netos. O terço também poderá ser feito de balões, colocando no lugar da cruz uma mensagem. Este terço seria enviado como portador de algo positivo, que poderia ser alento e estímulo para quem o recebesse», afirmou o Arcebispo de Braga.

Segundo D. Jorge, o terço poderá ser colocado num lugar bem visível da casa ou numa janela voltada para a rua. «Ao pedir esta iniciativa, e neste tempo em que na nossa vida religiosa estamos a redescobrir a importância da casa, desejo que a recitação do terço volte a entrar nos hábitos familiares», insistiu, lembrando importância da mensagem. De acordo com o Pastor da Igreja de Braga, com esta ideia pretende-se falar da importância do terço, colocando os pais a trabalhar com os filhos.

Até porque, avisa D. Jorge, embora não com o rigor do período de emergência, continuaremos a viver com algumas restrições. Continuará a haver tempo disponível que pode ser convenientemente aproveitado.

A semelhança do que aconteceu com as cruces de Páscoa, alguns exemplares dos terços floridos serão publicados no Diário do Minho.

In DM 27/04/2020

**REZAR O TERÇO COM SIMPLICIDADE
E DUAS NOVAS ORAÇÕES**

O Papa propõe que se redescubra, no mês de maio, a beleza de rezar o Terço em casa. Francisco diz que, juntos ou sozinhos, o importante é rezar com simplicidade e propõe duas orações que ele mesmo rezará no final do Terço, espiritualmente unido a nós.

O Papa refere que é fácil encontrar, inclusive na internet, bons esquemas de oração do Terço. A Rede Mundial de Oração do Papa em Portugal tem disponíveis online duas propostas: a oração do Terço do Passo-a-Rezar <<https://rmop.us9.list-manage.com/track/click?u=0520309a1409f299d2a9d83f1&id=a-5055ca82f&e=721f41b40f>>, adaptada aos ritmos da vida de hoje; e o Rosário pela Paz do Click To Pray <<https://rmop.us9.list-manage.com/track/click?u=0520309a1409f299d2a9d83f1&id=a297b8a88a&e=721f41b40f>>.

**RESVALAR PARA A MUNDANIDADE É CAIR,
«COM ANESTESIA», NUMA LENTA APOSTASIA**

Deixar-se resvalar lentamente no pecado, relativizando os acontecimentos e entrando «em negociação» com os deuses do dinheiro, da vaidade e do orgulho: o papa alertou hoje para aquela que definiu como uma «queda com anestesia». «Este resvalar lento na vida é para a mundanidade, este é o pecado grave: "Todos fazem assim, não há problema; sim, é verdade que não é o ideal, mas...". São palavras que nos justificam ao preço de perder a fidelidade ao único Deus. São os ídolos modernos».

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 274 – 50,00

TOTAL DA SEMANA – 50,00 euros

A transportar: 21.223,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

In Pastoral da Cultura,
13.02.2020

FÉ E SOCIEDADE

Seria a vida em sociedade mais humana se não houvesse religiões? Para algumas pessoas a resposta é um rotundo "sim". A religião parece ser uma fonte de discórdia, de violência e de falta de tolerância. Não parece trazer nada de útil para a vida social. Se ninguém acreditasse em Deus, a vida nesta Terra parece que seria muito mais humana.

Esta visão – lugar-comum bastante difundido – é simplista, superficial, pouco séria e nada científica. A História da Humanidade parece revelar precisamente o contrário. Estou plenamente de acordo com Sacks – grande rabino das congregações judias da Commonwealth – quando diz que uma sociedade, a longo prazo, não pode sobreviver sem a presença da fé religiosa em muitos dos seus membros.

A religião – para aqueles que não acreditam em Deus – pode parecer algo supérfluo que tenderia a desaparecer com o aumento do conhecimento científico. Se quero explicar o mundo já não preciso da Bíblia – tenho a ciência! Se quero controlar o mundo já não preciso rezar – tenho a tecnologia! Se quero o desenvolvimento económico já não preciso da ajuda de Deus – tenho os mercados!

No entanto, porque é que, apesar de tanto conhecimento científico, ainda há religiões no século XXI? Talvez a religião sobreviva porque responde a perguntas nada "científicas" mas profundamente necessárias: Quem sou eu? De onde é que eu venho? Para onde é que eu vou? Qual o motivo da minha existência? Já sei que fui criado para ser feliz, mas o que é que eu faço com o sofrimento quando ele aparece? Meto a cabeça na areia? Ponho a minha fé na ciência, na tecnologia e nos mercados?

É difícil tentar construir algo de sólido na vida – começando pela própria felicidade – sem tentar dar uma resposta minimamente satisfatória a estas perguntas nada científicas.

A religião e a ciência não são inimigas: são complementares! Precisamos da ciência para nos explicar o modo como funciona o universo. E precisamos da religião para nos explicar porque é que ele existe, que fim tem e quem o construiu à medida do homem.

Além disso, sem crenças religiosas sérias, as pessoas perdem com muito mais facilidade um conceito fundamental para a vida social: o conceito de moralidade. É muito fácil que desapareçam as noções de bem e de mal uma vez que a pergunta sobre o bem é, na sua essência, uma pergunta religiosa. Tudo se torna relativo. Desaparecem os valores absolutos. Substitui-se o bem e o mal pelo correcto e o incorrecto.

É verdade que uma pessoa pode viver sem religião, mas isso não é o mesmo que dizer que uma sociedade possa viver sem referências morais. Sem elas, a sociedade fragmenta-se. Desaparece – com muita facilidade – a atitude altruísta de querer ajudar os outros sem receber nada em troca.

Termino com uma comparação que também é feita por Sacks: "Uma sociedade sem fé é como uma sociedade sem arte, sem música e sem beleza". Parecem detalhes supérfluos, mas não o são.

Pe. Rodrigo Lynce de Faria,
In Celebração Litúrgica Agosto/Setembro de 2014